

MOGNO: CODINOME 'LOURINHO'

Para enganar fiscais

As grandes propriedades estão se provando inviáveis na Amazônia e a tendência é de fracionamento das fazendas, que se instalaram nos anos 70, com 100 ou 200 mil hectares, dado o custo administrativo e a dificuldade de se trabalhar com eficiência em áreas tão extensas. As grandes fazendas agora têm de 10 mil a 20 mil hectares e as médias de 1 mil a 2 mil hectares. E quem está resistindo ao processo de urbanização só o consegue com alto nível de profissionalização e eficiência.

“Milhares de fazendas foram fracionadas a ponto de constituir uma tendência, que se acentuou em 95 e 96”, afirma o empresário paulista João Carlos Meirelles, que investe na Amazônia há 50 anos e criou projetos privados de colonização em 700 mil hectares, no norte do Mato Grosso.

Segundo o empresário, as medidas de proteção à Amazônia, anunciadas em julho pelo governo federal, tornaram inviáveis os projetos econômicos sérios. As duas medidas que geraram maiores reações, principalmente em Rondônia, no Acre e no Mato Grosso, foram a proibição de desmatar 80% das reservas florestais privadas (dentro das fazendas e lotes de assentamentos) e a moratória da extração do mogno e da virola.

Na prática, a moratória de extração de madeira não existe. Apesar de a fiscalização federal ter se aliado aos órgãos estaduais, em especial no Mato Grosso, os madeireiros já montaram esquemas para burlar a fiscalização. Como acontece com a madeira da castanheira-do-brasil, cuja extração está proibida há anos, o mogno mudou de nome. Agora as serrarias estão trabalhando com “cedrinho-do-brasil”, “lourinho” e outros apelidos para a madeira proibida.

“Há uma brecha na lei, que permite a extração da madeira sem necessidade de plano de manejo em propriedades inferiores a mil hectares”, conta Miguel Scarcello, da SOS Amazônia. A maioria das fazendas agropecuárias tem acordos com os madeireiros, que fazem o corte raso e deixam a terra limpa para a formação do pasto, sempre em lotes de 999 hectares. Os fazendeiros seguem os madeireiros para aproveitar as estradas abertas por eles e abrir novas fronteiras. A floresta onde a madeira de lei já foi extraída, cheia de trilhas e vegetação ressecada, pega fogo com mais facilidade e os pastos se seguem às queimadas.

Liana John